

CONSCIÊNCIA EM SARTRE

Aluno: Marcelo da Silva Norberto

Orientador: Sergio L. C. Fernandes

Introdução

Jean-Paul Sartre foi, sem dúvida alguma, o filósofo mais celebrado no século XX. Sua filosofia influenciou gerações e incomodou a sociedade francesa do pós-guerra. Prodígio desde de cedo, Sartre se incomodava com a tradição filosófica francesa, que seguia uma linha muito abstrata, recusando qualquer pensamento de cunho dialético.

Apesar de ter sido fortemente influenciado por Kierkegaard, Hegel e Marx, Sartre encontra em Edmund Husserl o ponto de partida para sua própria filosofia. Ao tomar conhecimento da fenomenologia, Sartre teria dito: “era exatamente isso que ambicionava há anos: falar das coisas tais como as tocava, e que fôsse filosofia.”(MACIEL 1986, 34).

Esta trajetória começa com o livro “A transcendência do Ego” e culmina na sua obra máxima, “O Ser e o Nada” - obra esta base deste trabalho introdutório. Muitos comentadores dizem que a questão central do pensamento sartriano é a liberdade. Mas para que se possa pensar a liberdade, Sartre teve que radicalizar no estudo do ser das coisas e do homem. Este trabalho pretende fazer um estudo introdutório do conceito de consciência contido na primeira parte do livro “O Ser e o Nada”.

Nesta análise, Sartre se aprofunda nas questões levantadas por Descartes e, à luz da Fenomenologia de Husserl, o reinterpreta, elevando a teoria de conhecimento cartesiana à uma teoria existencialista, a sua própria. Neste ponto, ele rompe o subjetivismo moderno ao identificar um *cogito* pré-reflexivo que antecede o *cogito* reflexivo de Descartes.

Em seguida, nosso autor investe sua atenção ao conceito de fenômeno, estrutura fundamental da sua compreensão de consciência. Para Sartre, não há a cisão kantiana do ser e do fenômeno. O ser do fenômeno é justamente aquilo que se mostra. Não há nada por trás da aparência.

Esta compreensão nos leva a entender o conceito de ser-em-si e de ser-para-si. O ser-em-si nada mais é do que o ser do objeto. Ele é fechado, pleno, completo e recusa-se a alteridade. Ele é a caracterização exata de um ser parmenídico. Já o ser-para-si é o homem, ou seja, é o ser dotado de consciência. E como a consciência é sempre consciência de alguma coisa (intencionalidade de Husserl), a consciência surge em direção ao que não é ela, ou seja, ao ser-em-si.

Com a análise do ser-em-si e, principalmente, do ser-para-si, chegamos terceiro conceito fundamental no existencialismo sartriano: o Nada. O ser-para-si se caracteriza pela falta, por ser nada, nada de substancial. Como Sartre muito bem nos demonstra que estudo da realidade humana sempre nos indicará um binário irreduzível: O ser e o Nada. Assim percebemos que o ser-para-si se lança sempre em direção ao ser-em-si, justamente por ser ausência de conteúdo.

Ao pensarmos como o homem se constitui deste nada, chegaremos a mais um ponto central na filosofia de Sartre: a liberdade. Como o homem é constituído deste nada, qualquer tentativa de determinação levará sempre a um indeterminação. Logo incidiremos na liberdade. A liberdade é marcada por esta existência do nada, que nos é apresentada na angústia.

Claramente percebemos que a liberdade é essencialmente de natureza humana e indissociável da nossa existência. Esta condenação à liberdade leva o homem a tentar fugir de sua própria condição através da má-fé. A má-fé nada mais é do que a tentativa do homem de fugir de sua condição (de condenado à liberdade), se associando a uma imagem criada de si mesmo ou de um papel social que tenta retirar a liberdade de sua condição, aliviando assim seu sentimento de angústia. Mas a má-fé, em última análise, não deixa de ser o exercício radical da liberdade, já que este mentir é um mentir a si mesmo, não deixando de ser uma possibilidade de escolha, dentre várias.

Por último, ainda dentro do conceito de má-fé, é analisado a questão da sinceridade. A sinceridade é sempre uma tentativa da consciência de coincidir com ela mesma. Porém a consciência, como já vimos é sempre consciência de alguma coisa, nunca de si mesma(em-si). Sendo assim, a sinceridade é um projeto cujo o destino será sempre fracassado.

Sartre e a Filosofia Moderna

A influência da filosofia moderna no pensamento de Sartre pode ser resumida em dois principais pontos: a validade de seu ponto de partida e a dicotomia sujeito-objeto. O ponto de partida é o *ego cogito*. Sartre sequer se estende muito nesta questão: “como ponto de partida, não pode existir outra verdade senão esta: penso, logo existo”.(SARTRE 1987, 15).

Já a relação dicotômica sujeito-objeto ganha em Sartre uma dimensão metafísica. Ele critica o materialismo(igual a o homem às coisas) e refuta o problema crítico fundamental(a existência de um mundo exterior e sua possibilidade de conhecimento).

Porém, como já podemos perceber, não se trata de uma reprodução de uma filosofia cartesiana. Uma das distinções entre Descartes e Sartre é amplitude da aplicação da dúvida. Descartes a aplica ao campo do conhecimento, enquanto Sartre a aplica à existência humana. Para Descartes, o *cogito* é fechado em si, não cabendo qualquer tipo de experiência existencial. Sartre recorre ao conceito de ser-no-mundo de Heidegger para ampliar a experiência cartesiana, limitada a um teoria de conhecimento. Com a adoção do “ser-no-mundo”de Heidegger, Sartre agrega concretude(não-intelectual) ao cogito cartesiano, além de deslocar a questão do conhecimento para um esfera existencial.

A náusea em Sartre funciona com a dúvida em Descartes. Mas com a náusea, Sartre encontra um “veículo que enseja o acesso ao sentido último da realidade humana.”(BORNHEIM 2000, 17). Como a consciência é aberta ao mundo, não é aceitável perder o mundo, como fez Descartes. A experiência da náusea é como se o gênio maligno fosse real. Assim não teríamos mais certeza e as coisas perderiam os seus sentidos. É exatamente essa a experiência que propõe Sartre. A idéia da náusea é apresentada por Sartre num romance homônimo. Nele, o personagem principal, Antoine Roquentin, vive uma experiência de estranhamento com o mundo. Gerd Bornheim chega a dizer que “A náusea” é para o Sartre o que foi o “Discurso do Método” para Descartes.

Para Sartre, o pensamento moderno deu uma grande contribuição ao reduzir o existente a fenômenos, findando a dicotomia aparência e essência. O ser de um existente é exatamente aquilo que ele se mostra. O fenômeno é um relativo-absoluto, ou seja, relativo para quem aparece, absoluto enquanto encerra na aparência sua realidade completa da coisa.

Pelo o fenômeno ser o que é, o que se mostra, é possível ser descrito. Pelo mesmo motivo, sua descrição será ontológica, pois dirá sobre o ser. Porém será uma ontologia fenomenológica, já que o ser só é enquanto objetividade do fenômeno. Rompe completamente com a dicotomia ato-potência. “Tudo está em ato”(SARTRE 2005,16). Toda realidade está na aparência. Não há nada além da aparência. O que as pessoas costumam chamar de essência,

nada mais é do que a associação entre as várias aparições sucessivas do fenômeno que, em última análise, é a própria aparência.

Apesar do grande avanço da filosofia moderna, sua saída através do subjetivismo é inaceitável para o Sartre. O ser do fenômeno não constitui, nem totalmente nem parcialmente, pelo o sujeito. Ele é “na aparição”. “O ser do fenômeno é a condição e o fundamento do ser, e não o ser o fundamento do fenômeno.”(GOIS E SILVA 1995, 9).

Sartre, influenciado pela fenomenologia, busca não no *cogito* cartesiano, mas num momento anterior, que ele chama de *cogito* pré-reflexivo, o ser. A filosofia teria se abstraído demais, soltando-se exageradamente da realidade e construindo assim uma ficção(filosofia do sujeito). É preciso se voltar as coisas mesmas. Com bem define GERD BORNHEIM, “admitindo a idéia de mundo é que Sartre consegue atribuir ao *cogito* uma dimensão existencial que não se encontra em Descartes. Dessa forma, desintelectualiza-se o *cogito* e fundamenta-se a reflexão na consciência.”(2000, 19).

O ser-em-si

Partindo da fenomenologia, Sartre recusa a tese idealista sobre o fenômeno. Para ele, o homem instaura o fenômeno e tem assim sua natureza na subjetividade. Sartre rejeita a cisão kantiana ser-fenômeno. Sartre não quer meramente descrever os fenômenos, ele quer recuperar o caráter ontológico perdido com esta cisão. O conhecimento não é capaz de radicalizar esta proposta, pois “o conhecido não pode ser absorvido pelo conhecimento, é preciso que lhe seja reconhecido um ser.”(SARTRE 2005, 30).

Se a consciência é sempre consciência de alguma coisa, ela própria não pode ser constitutiva do ser do objeto. Para tanto, ela necessitaria de um ser autônomo, independente para ser causa constitutiva. A consciência é, então, relação a um outro ser, transcendente. Logo a transcendência é estrutura constitutiva da consciência humana. E este ser do objeto deve existir independente de quem o percebe. Se não fosse assim, o ser do objeto seria constituído por algo exterior a ele que, por sua vez, dependeria de outro ser para a sua própria constituição, o que seria um absurdo. De uma certa forma, há um caráter transfenomenal tanto na consciência como no fenômeno para haver o conhecimento. Por isso Sartre recusa a idéia de gênio proposta por Proust como algo contido na própria pessoa quanto na obra.

O em-si é pleno, não cabendo o “nada”. Sua inspiração para falar do em-si é claramente parmenídica. Por isso, não há como aceitar as dicotomias clássicas da metafísica(substância-acidente, matéria-forma, ato-potência, etc.), justamente por ser impossível de se saber. Não há como sequer investigar um estrutura do ser-em-si. O em-si não é nem possível(referente a estrutura humana) nem necessário(algo exterior ao existente). O ser-em-si é denominado assim(em-si) justamente por ser fechado, incomunicável, opaco e sem estrutura interior. Ele não projeta nada fora dele nem interage com outrem.

Também Sartre logo mostra que conceitos como atividade, passividade, negação e afirmação não encontram eco no ser-em-si, já que essas são características da conduta humana. “O ser não é relação a si, ele é ele mesmo. É uma imanência que não se pode realizar, uma afirmação que não se pode afirmar, uma atividade que não se pode agir, porque é empastado de sim mesmo”(BORNHEIM 2000, 34).

O em-si é plenamente indeterminado, só sendo determinado em relação a um sujeito que põe em relevo algo, que chamamos de fenômeno. Não há no sujeito categorias *a priori* ou intuições que possam dar conta desta indeterminação, como queria a filosofia kantiana. Sequer está sujeito a temporalidade.

A frase-síntese de Jean-Paul Sartre sobre o ser dos objetos é a seguinte: O ser é, o ser é em si, o ser é o que ele é. Cada parte desta frase contém uma característica do ser. “O ser é” significa que o ser é plena positividade, completo e perfeito. Já “o ser é em si” diz respeito a

sua não criação, ou seja, que ele não teve um princípio, não é uma criação ex-nihilo. Porém isso não nos permite dizer que ele foi criado por ele mesmo. Ele não é nem ativo nem passivo. Essas são noções da psique humana.

Por último, “o ser é o que ele é” se refere a identidade do ser-em-si consigo mesmo. Não há dentro ou fora. O ser-em-si está cheio de sim mesmo, maciço, “incriado, sem razão de ser, o ser-em-si é supérfluo para toda a eternidade.”(SARTRE 2005, 40).

É importante compreender o que Sartre entende por negatividade pura do conhecimento. O ser-em-si é indeterminado por natureza. Sua determinação só ocorre quando visto pelo conhecedor, a consciência. Porém esta determinação em nada acrescenta ao ser do objeto. Não há qualquer tipo de criação. Esta ato da consciência põe em relevo o ser em-si na forma fenômeno. Mas o fenômeno não é o ser-em-si na sua indeterminação natural, mas numa determinação negativa. Só há acesso ao ser-em-si na sua natureza fenomenológica, ou seja, na sua determinação negativa. O ser-em-si e o ser-para-si são duas modalidades irredutíveis do ser.

O ser-para-si

Para o nosso autor, o ser-para-si é o homem. Na construção deste conceito há novamente uma influência de René Descartes. Mas, diferentemente dele, o acesso não se dá através da ação intelectual. Sartre se utiliza de uma análise fenomenológica regressiva para atingir o fundamento do para-si.

Para tanto, Sartre não pensa na consciência humana dentro dos seus limites internos, mas, pelo contrário, na compreensão do homem como ser-no-mundo. Como o ser-em-si é uma oposição radical do para-si, este só pode se caracterizar pela falta, por ser nada. Como bem esclarece GOIS E SILVA:

“O surgimento deste nada constitui a condição para que haja um mundo, e este nada é a própria realidade humana, que é, ao mesmo tempo, posição e negação do mundo, com seu fundamento em nós. Só vale como aparição do mundo, porque o mundo, na qualidade de em-si, não é afetado pela representação que nós temos dele. O mundo, o em-si, está para além da sua absolutidade absurda”(1995, 16)

O ser-para-si sempre será uma relação com o em-si. Não é aceitável a tese que defende ser a consciência como a existência primeira. Como poderíamos pensar numa consciência solitária, se toda consciência é consciência de alguma coisa? Também não é pertinente pensar numa consciência que se nutre desta relação com o em-si, no sentido de se tornar mais “ser” por causa disso. Se assim fosse, transformaríamos, num movimento progressivo, a consciência num ser-em-si.

Pode parecer pouco, mas quando Sartre diz que o ser-para-si, a consciência, é, nada mais do que a própria relação, ele está dizendo muito. Sartre está dizendo que a consciência neste ato de sempre se lançar em direção ao ser-em-si, jamais efetiva este projeto, por se confundir como o próprio nada, que a constitui.

O homem é aquele que se pergunta. E esta interrogação é a relação primeira do para-se com o em-si. Esta pergunta é respondida com negação. Mas esta negação não está fora do para-si. Temos a impressão do nada surgir toda vez que pensamos sobre o ser, já que só obtemos juízos negativos a cerca dele. Mas, para o Sartre, a negação nunca poderia vir do próprio ser-em-si, mas sim da natureza do próprio conhecedor, que é o nada, sua origem e

fundamento. Com nos ensina Bornheim, “a pergunta manifesta o nada, já que ao enuncia-la permanecemos cercados pelo nada.”(2000, 40)

O nada, pelas razões já explicitadas, não pode advir do ser-em-si. Ao mesmo tempo, sua presença é constante. Da mesma forma não pode se originar de si mesmo, pois o nada não é e só pode surgir de algo que seja. Sendo assim, o nada surge de um ser que não pode ser em-si, pois não pode ser plena, mas que traga na sua própria natureza o nada constituinte. Este ser é o homem.

Não podemos cair na armadilha de uma leitura superficial do nada, entendendo ele como um conceito vazio. O nada é que explica a natureza da realidade humana. O homem nada mais é do que um paradoxo, a unidade de ser e nada.

Aqui, no estudo do nada, é que aparece pela primeira vez a questão da liberdade, tema central na filosofia sartriana. Se o homem é constituído de nada, logo a sua estrutura interna é vazia, indeterminada. Não há qualquer possibilidade de gerar uma determinação onde o nada se constitui. A liberdade é então constituinte do homem. Nem o passado o condiciona, já que se assim fosse, o homem se assemelharia ao em-si.

A angústia surge justamente quando o homem reconhece a sua liberdade no seu fundamento, que coincide com a sua natureza mais radical, o nada. Não obstante, a liberdade não é a essência do homem. Se assim fosse, seria possível separa-la do ser do homem. O ser do homem e o ser livre é exatamente a mesma coisa.

A realidade humana está no mundo. Não é possível concebe-la fora do mundo, porém não se pode confundir com o mundo das coisas, pois seria confundir com o ser-em-si. A separação do passado com o presente é que caracteriza esse deslocamento da consciência em relação ao ser das coisas. Já que, se a consciência estivesse presa ao passado, a mesma cairia numa relação de causa e efeito infinita, se aproximando a um estado de plenitude, e não a um estado de negação característico da sua natureza. A percepção deste estado se dá na angústia.

Podemos dizer que a liberdade é constituinte da consciência, pois, se assim não fosse, a consciência se perderia na plenitude do em-si, não havendo então nada além do que o ser-em-si e seu universo maciço, opaco e silencioso.

A angústia é necessariamente a forma de se dar conta da liberdade e de sua indeterminação. O homem se angustia ao perceber que sua constituição é o nada e que, por isso mesmo, sua condição é uma radical indeterminação. É o viver sem referências, num estado onde o homem sente o peso do ausência de qualquer determinação, o angustiando. A angústia é perceber que a liberdade não está nesta ou naquela ação, de que não está fora de si, mas na própria condição humana.

Sartre nos ensina que não é porque somos livres que os motivos condicionadores são ineficazes, mas justamente pela ineficiência estrutural de qualquer motivo é que a liberdade se irrompe na natureza humana.

A liberdade gera implicações no campo moral. Os valores de uma moral devem pousar sobre fundamentos irreversíveis. Contudo, já demonstramos que a única condição irrevogável do homem é a liberdade. Dela não pode o homem se livrar. Qualquer outro fundamento não tem base ontológica, não cabendo ao homem utilizar-se de qualquer outro valor que não a liberdade.

A má-fé

A angústia também se faz presente neste âmbito. O homem é aquele que decide e legisla. Logo a sua responsabilidade é total. Sua ação é impregnada de angústia ao tomar ciência de seu caráter legislador, refletida esta situação na famosa frase de Sartre onde diz que o homem está condenado à liberdade. E o termo “condenado” não é gratuito. Além de reforçar o idéia de sua concepção de liberdade, significa também um caminho sem alternativas.

Aqui aparece mais um conceito importante para Sartre: a má-fé. O homem tenta fugir da sua condição de legislador, de liberdade radical e de ser o responsável único por suas ações. A má-fé é mentir para si mesmo. É a criação ou adoção de uma imagem de si mesmo, na busca de se identificar tão fortemente com ela, a ponto de negar a possibilidade de ser algo diferente. Ou seja, é a tentativa de negação da própria liberdade.

Cabe situar o termo “mentira” em relação à má-fé. Numa mentira, o mentiroso esconde o que ele tem como verdadeiro de outra pessoa. Mas na má-fé, o homem não é somente o detentor de uma verdade “escondida”, como é o próprio enganado. Ou seja, na má-fé, o enganador e o enganado se constituem na mesma pessoa.

Aqui nasce a histórica crítica de Sartre em relação ao conceito de inconsciente de Freud. Para Sartre, a inconsciência faz com que a mentira exista, mas só com a figura do enganado, sumindo com o enganador. Ele critica dizendo que a censura recalca algo com discernimento, pois, do contrário, seria uma luta cega e aleatória. Então parece que a consciência é quem está de má-fé, já que conscientemente reconhece algo a ser recalçado, mas não sendo ao mesmo tempo consciente, já que é o inconsciente que faz a parte do enganador.

Neste mesmo sentido, Sartre analisa o conceito de sinceridade. Na sua visão fenomenológica, a sinceridade é um projeto que pode tender, mas jamais se conduzirá a bom termo. Para que a sinceridade fosse possível, a consciência teria que fazer coincidir uma ação dela mesma com algo correspondente no seu interior, porém não há nada no seu interior. Com essas considerações, podemos concluir que o ser-para-si é, necessariamente, um ser-de-má-fé, pois “a condição de possibilidade da má-fé é que a realidade humana, em seu ser mais imediato, na intra-estrutura do cogito pré-reflexivo, seja o que não é e não seja o que é.”(SARTRE 2005,115).

Três exemplos utilizados por Sartre para demonstrar a má-fé se tornaram clássicos: o do homossexual que tenta relativizar a sua condição a fim de fugir do estigma, o do garçom que se identifica fortemente com a imagem de empregado e o da mulher no primeiro encontro com um homem.

O primeiro caso é o do homossexual tenta se esquivar de uma escolha e atribui à sua situação nuances e particularidades que o tornaria mais próximo de uma pessoa comum. Mas a má-fé não é se identificar com algo, mas é o esforço de abrir mão da sua liberdade e respectiva responsabilidade. Então, ao se esforçar tanto para não ser/parecer um pederasta, acaba por agir de má-fé numa estrutura invertida, se desviando “para outra acepção da palavra *ser*: entende *não-ser* no sentido de *não-ser-em-si*. Declara, *não sou pederasta*, no sentido em que esta mesa não é um tinteiro. Está de má-fé”. (FEITOSA 2005, 63)

O outro exemplo é o do garçom que se identifica fortemente com a imagem de empregado. Seus gestos são rápidos e precisos, sua atenção é constante, o seu trabalho é tão intenso que chega a provocar uma estranheza. Seu medo é de perder não o emprego, mas a função que ele se identifica. Busca no exercício de algo que ele se identifica a estabilidade do em-si. É a forma encontrado de se livrar da instabilidade e da indeterminação da liberdade, agindo de má-fé.

Por último, é o da mulher no primeiro encontro com um homem. Ela finge não perceber o verdadeiro interesse do homem, com isso tenta adiar a decisão que terá que tomar. É um jogo onde a mulher adia a decisão até o ponto que pareça ser o outro a tomar a decisão. Com essa atitude, “essa metamorfose em coisa, livramo-nos da exigência de decisão: deixamos que o outro escolha por nós. Segundo Sartre, trata-se de uma escamoteação.”(GOIS E SILVA 1995, 32).

Todos os casos mostram a tentativa do homem ser aquilo que não é, por não suportar ser o que é. É a tentativa eterna de preencher o nada com a plenitude do em-si, ou seja, um projeto fadado ao fracasso, já que a má-fé é, em última forma, uma escolha dentre as que se

colocam, já que o primeiro ato de má-fé é para fugir do que não se pode fugir, fugir do que se é.”(SARTRE 2005, 118).

Conclusão

A consciência é uma estrutura de *ser* permeada por todos os lados pelo nada. Sua natureza é se lançar constantemente para o mundo e para os objetos. Como vimos, a consciência é sempre consciência de algo e os objetos são sempre em relação a um consciência. Este nada irreduzível permite uma comprovação ontológica da falta de referências ou motivos. Isso nos leva a concluir que o homem é um ser lançado ao mundo, constituído de uma liberdade radical.

O processo de perceber esta natureza se dá na angústia. Esta angústia leva ao homem fugir de si mesmo. Como a consciência está sempre num movimento de tentativa de apreender o em-si, mesmo que num projeto de ante-mão fracassado, o homem busca desesperadamente algum tipo de determinação ou estabilidade. Isso faz com que ele caia em má-fé.

A má-fé é um tendência natural do homem de fugir de si mesmo. Ele não suporta a total indeterminação do seu ser e recorre a expedientes a fim de neutralizar a sua liberdade e com isso também a sua responsabilidade.

Referências:

- 1 - SARTRE, J. P. **O existencialismo é um Humanismo**. 3.ed.São Paulo: Abril Cultural, 1987. 32p.
- 2 - _____ . **O ser e o nada**. 13. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005. 782p.
- 3 - _____ . **A náusea**. 12.ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006. 253p.
- 4 - BORNHEIM, Gerd. **Sartre**. 3.ed. São Paulo. Editora Perspectiva, 2000. 315p.
- 5 – GÓIS E SILVA, Cléa. **Liberdade e consciência no existencialismo de Jean-Paul Sartre**. Rio de Janeiro, 1995. Dissertação de Mestrado – Departamento de Filosofia, Puc-Rio. 140p.
- 6 – FEITOSA, André Luis de Oliveira. **O homem é sua liberdade – definição paradoxal do humano na filosofia de Jean-Paul Sartre**. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação de Mestrado – Departamento de Filosofia, Puc - Rio. 77p.
- 7 – MACIEL, Luiz Carlos. **Sartre – vida e obra**. 5. Ed. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1986. 198p.